

volume

17

Dezembro/2011

volume

18

Dezembro/2012

ISSN 01516-2095

ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela  
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar  
Gonçalves Borges  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz  
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani  
Gonçalves Ávila  
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.  
Manoel de Souza Maia  
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes  
Luzzardi  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.  
Élio Paulo Zonta  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta  
Trierweiler  
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso  
Amaral  
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social  
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento  
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes  
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

**CONSELHO EDITORIAL**

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.  
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera  
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

*Diretor:* Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira  
*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editor:* Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

**Editora e Gráfica Universitária**

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |  
Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

**Impresso no Brasil**

*Edição:* 2011-2012

ISSN – 1516-2095

**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de  
Ciências Humanas. Universidade Federal de  
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –  
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.  
1v.

Anual  
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154  
Pelotas/RS - CEP: 96010-770  
Caixa Postal 354  
Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>  
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

## NOVAS POSSIBILIDADES DE NÃO-OBJETOS

Ana Paula Batista Araújo\*  
 Fernanda Amaral Taddei\*\*  
 Ursula Rosa da Silva\*\*\*

**Resumo:** Embora a pós-modernidade traga inúmeras vantagens, interessantemente arrebatada uma desvantagem: o uso confortável, exagerado, exaustivo de imagens, que nos proporciona a tecnologia, por outro lado nos remete a uma época de esquecimentos. Paradoxalmente a velocidade de informações nos obriga a selecionar muito rápido o que devemos reter na memória, e muitas informações ficam de fora na hora de avaliar algumas imagens ou objetos com que nos deparamos. Através de referenciais teóricos que tratam de experimentações plásticas com não-objetos, o presente estudo pretende esclarecer e interpretar o conceito não-objeto e sua relação com as especificidades da arte neoconcreta, partindo da teoria de Ferreira Gullar e relacionando-a a série *Bichos* e à obra *Caminhando*, de Lygia Clark e às *Novas Bases para a Personalidade*, de Ricardo Basbaum, e desta formas pensar nas reinvenções presentes, mesmo que inconscientemente, na arte do mundo atual.

### O que é, ou não, um “não-objeto”?

Pode-se descrever o não-objeto de várias maneiras e com base em diferentes pensamentos, mas tomemos como referência o criador do termo: Ferreira Gullar.

Para Ferreira Gullar (1999), o não-objeto é acima de tudo um elo entre a experiência e o experimentador, talvez um veículo para a experiência que se passa. Para situar o lugar de onde o autor vê o não-objeto, falemos um pouco da morte da pintura, que segundo o autor, traça o período de transição do fim da Arte Clássica, com início nos

---

\* Mestranda Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH – UFPel); bolsista CAPES; Tutora a Distância (UAB – SECAD); Especialista em Linguagens Verbais, Visuais e suas Tecnologias (IFSul); Licenciada em Artes com Hab. Em Desenho e Computação Gráfica (UFPel). anadesigner15@gmail.com

\*\* Mestranda Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH – UFPel); bolsista CAPES; Especialista em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefator (UFPel); Licenciada em Artes (UFPel). fernandataddei@yahoo.com.br

\*\*\* Professora no Curso de Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH – UFPel) Doutora em História (PUC-RS), Doutora em Educação (FAE – UFPel). ursul\_ufpel@yahoo.com.br

impressionistas, como Monet, e finaliza esta transição com Mondrian e Malevitch no abstracionismo geométrico. O autor não se refere às datas, mas as experiências dos pintores apenas.

A tela em branco para o pintor tradicional era o mero suporte material sobre o qual ele esboçava a sugestão do espaço natural. Em seguida, esse espaço sugerido, essa metáfora do mundo, era rodeada por uma moldura cuja função fundamental era inseri-lo no mundo. Essa moldura era o meio-termo entre a ficção e a realidade, ponte e amurada que, protegendo o quadro, o espaço físico, ao mesmo tempo fazia-o comunicar-se sem choques, com o espaço exterior, real. Por isso, quando a pintura abandona radicalmente a representação – como no caso de Mondrian, Malevitch e seus seguidores – a moldura perde o sentido. Não se trata mais de erguer um espaço metafórico num cantinho bem protegido do mundo, e sim de realizar a obra no espaço real mesmo e de emprestar a esse espaço, pela aparição da obra – objeto especial – uma significação e uma transcendência. (Gullar, 1999, p. 291).

O não-objeto não é uma “coisa” (algo que tem significado). Essa idéia de não-objeto vem da impressão de Ferreira Gullar inicialmente sobre as obras de Lygia Clark e Amílcar de Castro. Trata-se de um conceito que visa compreender as especificidades da arte neoconcreta.

Donde se conclui que a pintura e a escultura atuais convergem para um ponto comum, afastando-se cada vez mais de suas origens. Tornam-se objetos especiais – não-objetos – para os quais as denominações de pintura e escultura já talvez não tenham muita propriedade. (Gullar, 1999, p. 293).

### **Ponto de Partida**

A obra de Lygia Clark, que por seu vínculo com a vida se tornou difícil de classificar nos padrões instaurados da grande arte, foi grande propulsora do conceito não-objeto. Lygia percorreu uma trajetória onde gradualmente trocou a pintura pela experiência com objetos tridimensionais, com experimentações de materiais (da madeira à borracha) em propostas nas quais o objeto não se mostrava mais longe do corpo, era o próprio corpo, suas sensações, reflexos e introjeções. Começou utilizando-se da linha orgânica (linha de junção das placas de madeira, o espaço entre as placas), como elemento da sua obra, explorando assim os elementos não palpáveis que se mostram em suas experiências. Na série Bichos (1960), as formas

geométricas manipuláveis, compostas por placas de alumínio com dobradiças que permitiam a articulação, a proposta era a interação do expectador. Era possível perceber a vida que circulava nas formas geométricas e se fazia presente neste trabalho. O expectador fazia parte de sua obra.

Penso que o meu caminhar é maravilhoso, pois agora já não sei o que vem antes, se é a arte em forma de proposições ou a vida que, de repente, se despenca dentro de mim e me traz esse estado de supersensibilidade! (Clark, 1970<sup>1</sup>)

Esta relação com a vida embutida em tudo que pensamos ou fazemos, que realmente não tem explicação ou fórmula, é o que devemos refletir e observar para nos reinventarmos. Ou para simplesmente descobrir o que realmente tem significado para tentar nortear algumas opções de nossas vidas e desvelar sonhos que pensamos impossíveis, ou ainda, possibilitar uma visão ampla e ao mesmo tempo única, pelo fato de se tratar da formação da subjetividade.

Agnaldo Farias descreve *Caminhando*, de Lygia Clark, de uma forma muito clara em artigo que fala da problemática das obras relacionais:

Ela inventou algo chamado 'Caminhando', que é um exercício democrático, acessível a qualquer pessoa. A obra é uma fita de Moebius e acontece na medida em que o público recorta o papel. Foi criada em 1963, quando Lygia dizia que a arte não deveria só ser contemplada com olhos, mas traduzida em experiências. (Alzugaray; Gazire, 2011<sup>2</sup>).

Sobre esta relação com o que se “vê” na obra, Silva vai falar da liberdade que lhe é atributo e faz com que o subjetivo do autor e do observador possa agir sobre esta:

Tanto o artista tem a liberdade de expressar esta infinita variedade de percepções sobre o mundo, quanto o expectador, de outro lado, em contato com a obra, tem a possibilidade de atribuir sentidos à obra de acordo com as suas vivências. E a relação que o espectador tem com a obra por sua vez, dá ao artista outro olhar sobre sua produção, porque os significados atribuídos pelo espectador mostram ao artista outras dimensões desta. (Silva, 2011, p.111).

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.lygiaclark.org.br>

<sup>2</sup> disponível

[http://www.istoe.com.br/reportagens/88104\\_UM+PATRIMONIO+INVISIVEL](http://www.istoe.com.br/reportagens/88104_UM+PATRIMONIO+INVISIVEL)

Propondo então “o momento do ato como campo de experiência” (Clark, 1980 p.30) e assim, colocar o objeto em segundo plano, ou em plano nenhum, somente este faz parte do que se forma, um verdadeiro não-objeto.



Figura 1- Caminhando

Fonte: <http://www.lygiaclark.org.br/portmenu.htm#>

Se eu utilizo a fita de Moebius para esta experiência, é porque ela contrasta com nossos hábitos espaciais: direita – esquerda; avesso – direito, etc. Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo. (Clark, 1980 p.26.)

Na experiência com a fita de Moebius de Lygia Clark (Fig. 01), o corte contínuo e a decisão de cortar ou não a fita em dois pedaços cria uma expectativa atemporal. O tempo como um incessante recomeço, sem final e sem pausa, simplesmente recomeço. Um tempo imaginário ou talvez, outro território. Experiência de sentir o tempo, de se apoderar do tempo e de deixar que o tempo se apodere de nós.

Se a pessoa, depois de fazer essa série de coisas que eu dou, se ela consegue viver de uma maneira mais livre, usar o corpo de uma maneira mais sensual, se expressar melhor, amar melhor, comer melhor, isso no fundo me interessa muito mais como resultado do que a própria coisa em si que eu proponho a

vocês.<sup>3</sup>

A “catástrofe secreta que afeta o ato de pintar em si mesmo”, segundo Deleuze (2007, p. 24), é a catástrofe que nos modifica durante a criação de uma composição (composição é sempre um conjunto, uma estrutura, mas desequilibrando-se ou desagregando-se) e assim pode então o não-objeto também ser fruto desta catástrofe. Deste ponto, começo a pensar este conceito de não-objeto aplicado ao contemporâneo. Onde está o não objeto hoje? Continua sendo a potência pensada por Ferreira Gullar?

### **Atualidades resgatantes**

Para tentar, até arrogantemente fazer este elo, busco então, Ricardo Basbaum. As experiências de descobrir algo que já existe dentro de cada um de nós, como a interação<sup>4</sup> com uma proposta de arte contemporânea, como o *NBP (Novas Bases para a Personalidade – Ricardo Basbaum)* que com um ritmo presente e uma constante transmutação entre corpo, pensamento e objeto (Fig. 02) foge dos paradigmas predominantes da Arte Moderna.

---

<sup>3</sup> Cf. *O Mundo de Lygia Clark*, 1973, filme dirigido por Eduardo Clark, PLUG Produções.

<sup>4</sup> Proposta de experiência coletiva e individual com o NPB do Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, No Projeto de Pesquisa “Políticas do Sensível no Corpo Docente. Arte, Filosofia e Formação na Contemporaneidade” (2009), que trabalha com pesquisa em formação continuada com os professores de Arte da rede pública municipal de ensino na cidade de Pelotas/ RS



Figura 2 – NBP Fonte: <http://www.nbp.pro.br>

A proposta do artista surgiu nos anos 80 como um modo de fugir da Arte que preconizava a técnica e o mercantilismo. No site do projeto<sup>5</sup> encontramos a seguinte definição: “NBP impregna e contamina; desenvolve-se sobre três idéias principais: Imaterialidade do corpo, materialidade do pensamento e logos instantâneo”. No site a aceitação do convite: “Você gostaria de participar de uma experiência artística?” Leva ao internauta a possibilidade de interagir com o objeto em sua casa, instituição, grupo, etc, e registrar esta experiência no ambiente virtual. Oferta de novas opções para se pensar, agir e sentir, a pergunta poderia ser: “Você gostaria de fazer parte de uma experiência artística?” Pois a pessoa que interage é só mais uma parte da engrenagem desta experiência coletiva e individual.

Uma estranha expectativa reaparece sempre e sempre: de momento em momento limpam-se os olhos, sem deixar traços. [EU] olho para um lado, olho para o outro. Fecho os olhos, apuro os ouvidos, baixo a cabeça, dobro os

---

<sup>5</sup> <http://www.nbp.pro.br>



joelhos, relaxo os braços, solto os ombros, repuxo a coxa, afrouxo o estômago. É tão rápido o começo da nova sessão – podemos colocar sob suspeita se de fato tanta coisa aconteceu. (Basbaum, 2009, p.07).

Somos colocados frente à questão de experimentação. Também nos voltamos a refletir a experiência junto com Larrosa, pensando nas paixões e tensões causadas por esta. Podemos ver a experiência de contato com o NBP como mais uma força, um chamado a brincar com as formas e romper com o estigma de arte para apreciar. Arte sim, mas para viver, vivenciar, aprender, refletir e se conhecer.

Experiência... paixão... pensada como desejo e que quer permanecer desejo, pura tensão insatisfeita, pura orientação para um objeto sempre inatingível...objeto está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, transtornado. (Larrosa, 2004, p. 164)

A sensação de interagir com o NBP nos traz a possibilidade de intervenção no desconhecido, não só o desconhecido objeto, mas também a desconhecido grupo, conjunto ou cadeia que participou. A relação de toque, de união, de dissociar-se de um eu coletivo, formando uma massa para experimentar sensações e idéias despertadas pela proposta do objeto. Antes de interagir, instigaram-me as fotos das pessoas que já tinham experimentado, inquietaram-me e fizeram pensar o que fazia com que aquelas pessoas se deleitassem ao lado, dentro e fora de um objeto tão “geometrizada e fria”. Um objeto de metal, com formas geométricas que juntamente com uma proposta de interação faz parte de um projeto itinerante e busca essas relações de descoberta de si como uma forma aberta, a ser reinventada, indagada e experimentada. O geométrico como elemento de produção de mundos para além de suas medidas. A terra como experimentação, não a mostra para medição e reparte. A obra não é só o objeto e sim a relação que se estabelece com ele. Possibilidade de ser um não-objeto? Então, o que fazer quando nos pedem para interagir com o objeto (ou com o não-objeto)? Cinco minutos - tictac-tictac-tictac - o tempo corre, o pensamento também, temos que interagir, tocar, mexer, mover, nos tocar, nos mexer, nos mover. Não sei se é o estímulo ou o estimulador, mas a engrenagem se forma, o jogo começa e anda, e sente, e ouve e se conversa. De repente: acabou!

Turbilhão de sentimentos... Um exercício de abandono, com certeza,

um exercício de si mesmo. Uma das forças da arte talvez... Potência em movimento.

### **Considerações Finais**

Segundo Farina (2007, p.116), a arte atua sim sobre a formação do sujeito, pois problematiza a ciência, a filosofia, a ética, a política e a economia das formas de ver e pensar dos sujeitos, desta forma, o não-objeto atua como ferramenta para esta formação subjetiva.

Essa vontade de reflexão e intervenção sobre o real supõe uma vontade não só de articular arte e vida, esteticamente, mas sim gerar desde o território da arte um saber que está diretamente implicado na produção de uma ética e de uma política do comum. (Farina, 2007, p. 21)

A “arte se apresenta, então, como potência de dizer o novo e de instaurar sentidos outros, pois seu modo de estar no mundo permite o retorno às coisas mesmas” (Silva, 2011, p.117) e desta forma se reinventa numa releitura de si mesma, com novos personagens e um novo cenário.

Objeto ou não-objeto? Pense então como pode uma idéia se reinventar em outra forma, talvez com o auxílio da historicidade:

A historicidade do objeto artístico e sua resignificação pela memória social, dos artistas, dos historiadores, dos críticos e dos espectadores: talvez seja esta a tarefa da história hoje; contrapor a memória e o novo na arte, tornando sempre presente o ser-presença o objeto-obra. (Silva, 2009, p.115).

Neste “mundo cotidiano”, que está “cada vez sendo dominado pela imagem” (Barbosa, 1991, p.34) se fazem urgentes e necessárias as reflexões que possibilitam a transformação do objeto em não-objeto. Volta então a ser simplesmente o elo da experiência, e assim fazer-se um não-objeto da arte atual? Não é sabido da possibilidade de classificar o NBP como não-objeto, mas percebe-se que o conceito atinge as forças que ele também aborda e desperta. Arte para pensar e refletir, não com necessidade de classificar. Potência capaz de fazer girar a engrenagem da vida. Afinal, a “arte não isola, um a um, os elementos da causalidade, ela não explica, mas tem o poder de nos fazer sentir” (Coli, 1997, p.111).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALZUGARAY, Paula; GAZIRE, Nina. Um Patrimônio Invisível. **Revista Isto é Cultura**. Julho de 2010. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/88104\\_UM+PATRIMONIO+INVISIVEL](http://www.istoe.com.br/reportagens/88104_UM+PATRIMONIO+INVISIVEL). Acesso em 21 de agosto de 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1991.
- BASBAUM, R. **NBP – Novas Bases para Personalidade**. Disponível em: <http://www.nbp.pro.br>. Acesso em janeiro de 2010.
- BASBAUM, Ricardo. **Membranosa: entre (NBP)**. São Paulo: Rush Gráfica e Editora, maio de 2009.
- CLARK, Lygia **Biografias**, disponível em: [http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_4211.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4211.html) Acesso em abril de 2010.
- CLARK, Lygia. **O mundo de Lygia Clark**. Disponível em: <http://www.lygiack.org.br/portmenu.htm#> Acesso em fevereiro de 2010.
- COLI, Jorge. **O que é a Arte?** São Paulo: Editora Brasiliense AS, 1997.
- DELEUZE, Gilles **Artigos e Textos em PDF**, disponíveis em: [http://www.dossie\\_deleuze.blogger.com.br/](http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br/) Acesso em abril de 2010.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. “Percepto, afecto e conceito” In: **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. “O ato de criação”. **Folha de São Paulo, 27 de junho de 1999**, Caderno Mais, p.4
- DELEUZE, Gilles. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle” In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Francis-Bacon-Logica-Da-Sensação** Artigo em pdf, disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6618064/Gilles-Deleuze-Francis-Bacon-Logica-Da-Sensacao> Acesso em abril de 2010.
- DELEUZE, Gilles. “Germen y catástrofe: Introducción al diagrama pictórico”. In: **Pintura. El concepto de diagrama**. Buenos Aires: Cactus, 2007.
- DELEUZE, Gilles. “Vida como obra de arte”. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- FARINA, Cynthia. “La formación del territorio. Saber del abandono y creación de un mundo”. En: Gómez, William (ed.). **Educación, cuerpo y ciudad. El cuerpo en las interacciones e instituciones sociales**. Medellín:

Funámbulos, 2007.

FARINA, Cynthia. Formação Estética y Políticas de lo Sensible, *in*: **Cartografias do Sensível: Estética e subjetivação na contemporaneidade**. Ed. Evangraf Ltda, 2009.

FARINA, Cynthia.; RODRIGUES, Carla. **Cartografias do Sensível: Estética e subjetivação na contemporaneidade**. Ed. Evangraf Ltda. Porto Alegre 2009.

FARINA, Cynthia; ALBERNAZ, Roselaine. Favorecer-se outro. Corpo e filosofia em Contato Improvisação *in*: **Revista Educação**. UFSM, Santa Maria, v 34, nº 3, p. 427-642, set/dez. 2009.

GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. *In*: **Etapas da Arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Renvan, 1999, p. 289-301.

GULLAR, Ferreira; PEDROSA, Mário; CLARK, Lygia. **Arte Brasileira Contemporânea: Lygia Clark**. Funarte, Rio de Janeiro, 1980.

LARROSA, Jorge. Experiência e Paixão. *In*: **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte MG: Ed. Autêntica 2004.

MILLET, Maria Alice. **Lygia Clark: Obra-trajeto**. Edusp, São Paulo, 1992.

SILVA, Úrsula Rosa da (org.). Visualidade e expressões criadoras: Pintura e Linguagem na Fenomenologia de Merleau-Ponty (p.109 – 118). *In*: **Desafios da Imagem**. Ed. Universitária. Pelotas, 2011.

SILVA, Úrsula Rosa da . Memória e Bricolismo na Arte: catar o diverso para ressignificar (107-117). *In*: **Memória e Patrimônio: ensaios sobre a diversidade cultural**. Pelotas. Ed. UFPel, 2009.